



RELIGIÃO EM SIGMUND FREUD: QUATRO LEITURAS

Religion in Sigmund Freud: Four Reading

Elias Gomes da Silva
Mestre em Ciência da Religião (UMESP)
Professor de Filosofia (SEE/SP)
Filosofia.elias@hotmail.com

RESUMO: O seguinte estudo propõe-se a estabelecer uma análise sobre a temática da religião na obra de Sigmund Freud. Nesse contexto, a pesquisa pretendeu elencar preferencialmente – de maneira cronológica – as principais leituras freudianas da religião a partir de quatro grandes incursões que autor faz sobre o tema em suas obras, que são: O artigo intitulado *Os Atos Obsessivos e as Práticas Religiosas* de 1907; *Totem e Tabu* de 1913; *O Futuro de uma Ilusão* de 1927; e *Moisés e o Monoteísmo* de 1939. Em suma, foi possível demonstrar que para o autor, a religião constitui apenas um estágio emocionalmente primitivo da humanidade da qual a mesma precisa superar.

Palavras chaves: Psicanálise; Religião; Freud; Neurose; Obsessão.

ABSTRACT: The study aimed to establish an analysis on the subject of religion in the work of Sigmund Freud. In this context, the research intended to list preferably - so chronological - the main Freudian readings of religion from four major inroads author makes about the subject in his works, which are: The article entitled *The Obsessive Acts and Religious Practices* of 1907 , *Totem and Taboo*, 1913, *The Future of an Illusion*, 1927, and *Moses and Monotheism*, 1939. In short, it was possible to demonstrate that the author is only one religion emotionally primitive stage of humanity from which it must overcome.

Keywords: Psychoanalysis; Religion; Freud, neurosis; obsession.

1. Introdução

O respectivo artigo tem como objetivo principal, analisar e compreender a maneira como Sigmund Freud procura explicar a experiência religiosa, sobretudo dentro da sua teoria psicanalítica. De forma geral, Freud tentou explicar a religiosidade em termos dos chamados conflitos que o ser humano experimenta no processo que determina o seu desenvolvimento psíquico (ROSA, 1971, p. 57). Em sua teoria, Freud nos ensina a ler antropologia a partir da ideia de que a estrutura psíquica da humanidade é composta por diversos fatores internos e externos, conscientes e inconscientes, que de certa maneira influenciam e determinam não só a sua própria personalidade como também a eventuais desvios infantis da mesma, dentre os quais a religião seria apenas mais uma forma (ROSA, 1971, p. 58).

A pesquisa pretendeu elencar preferencialmente – de maneira cronológica – as principais leituras freudianas da religião a partir de quatro grandes incursões que autor faz sobre o tema em suas obras, que são: O artigo intitulado *Os Atos Obsessivos e as Práticas Religiosas* de 1907; *Totem e Tabu* de 1913; *O Futuro de uma Ilusão* de 1927; e *Moisés e o Monoteísmo* de 1939. Praticamente em todas elas, Freud não admite nenhuma positividade na religião ou na religiosidade. Para o fundador da psicanálise, trata-se de uma prática humana extremante composta por elementos capazes de possibilitar e prover atitudes infantis e, sobretudo, a alienação psíquica do indivíduo. Vejamos os desdobramentos.

2. A Religião como uma Neurose Obsessiva

A primeira vez, enquanto produção literária, que Freud trata sobre a temática da religião foi em 1907, em um artigo intitulado *Os Atos Obsessivos e as Práticas Religiosas*. Nessa pesquisa, o autor tentou estabelecer uma relação comparativa entre o primeiro e segundo. Ele diz: *Não sou certamente o primeiro a notar a semelhança existente entre os chamados atos obsessivos [...] e as práticas de devoção* (FREUD, 2006 [1907], p. 109). Na teoria psicanalítica, os indivíduos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe de pessoas que sofrem de pensamentos obsessivos, ideias

obsessivas, impulsos obsessivos e afins (FREUD, 2006 [1907], p. 109). No vocabulário freudiano, trata-se de uma espécie de conjunto que constitui uma entidade clínica comumente denominada como *Neurose Obsessiva* (FREUD, 2006 [1907], p. 109). Todavia, em se tratando desse tipo neurose, o próprio Freud nos alerta, que devemos fugir de qualquer tipo de “reducionismo conceitual”, sobretudo, o da sedução de tentar inferir de tal denominação a natureza da enfermidade, pois a rigor, existiriam outras espécies de fenômenos mentais mórbidos que também possui características obsessivas (FREUD, 2006 [1907], p. 109).

No nosso caso, em se tratando da relação entre atos obsessivos e práticas religiosas, existem duas palavras, como proporções fundante, que supostamente ‘patrocinariam’ essa possível relação, que são: *cerimonialismo* ou *ritual* e *culpa* ou *sentimento de culpa*. No que diz respeito à primeira (cerimonialismo), Freud procurou deixar claro que não se trata apenas de uma apropriação superficial do psicanalista. A utilização da palavra cerimonial, isto é, no vocabulário psicanalítico ao se referir ao neurótico, afirmar-se que o mesmo está vivenciado um *cerimonial neurótico*. Assim, de maneira análoga, procuramos estimular e estabelecer inferência sobre os processos psicológicos da vida religiosa também (FREUD, 2006 [1907], p. 109). Nas palavras de Freud temos:

Os cerimoniais neuróticos consistem em pequenas alterações em certos atos cotidianos, em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos que de devem sempre realizados numa mesma ordem, ou com variações regulares. Essas atividades, meras formalidades na aparência, afiguram-se destituídas de qualquer sentido. O próprio paciente não as julga diversamente, mas é incapaz de renunciar a elas, pois a qualquer afastamento do cerimonial manifesta-se uma intolerável ansiedade, que o obriga a retificar sua omissão [...] O cerimonial é sempre executado como se tivesse de obedecer a certas leis tácitas [...] É fácil perceber onde se encontram as semelhanças entre cerimônias neuróticas e atos sagrados do ritual religioso: nos escrúpulos de consciência que a negligência dos mesmos acarreta, na completa exclusão de todos os outros atos (revelada na proibição de interrupções) e na extrema consciência com que são executados em todas as minúcias (FREUD, 2006 [1907], p. 109-110).

Entendemos então, que para Freud, assim como o neurótico de forma obsessiva procura desenvolver diversas atividades cotidianas transformando-as literalmente em uma cerimônia ritualística, assim também já se comportavam os religiosos. A partir dessa questão, ele propôs as aproximações entre uma prática e a outra. Poderíamos dizer que o autor só faz duas pequenas ressalvas. A primeira diferença estaria entre a coletividade e individualidade, ou seja, enquanto as práticas

religiosas são desenvolvidas de formas coletivas pelas comunidades de fé, as práticas neuróticas ocorrem e são vivenciadas na individualidade (FREUD, 2006 [1907], p. 111). Em segundo lugar, existe também a diferença entre *sentido simbólico* e a *ausência inconsciente de sentido*, isto é, enquanto todas as minúcias do cerimonial religioso procuram ser significativas e possuem um sentido teológico simbólico, as práticas neuróticas obsessivas, sem o auxílio da técnica psicanalítica de investigação, não consegue encontrar o verdadeiro significado dos atos obsessivos, ou seja, se o teólogo consegue “facilmente explicar”, sobretudo através de textos canônicos, os significados dos elementos simbólicos que determinam as práticas religiosas, em se tratando da psicanálise a hermenêutica não é assim. Somente no desenrolar e do decurso dessa investigação e análise, é possível diluir-se completamente o aspecto tolo e absurdo de que se revestem os atos obsessivos, podendo assim ser explicado, de forma clínica, mais precisamente os fundamentos e a razão de tais atos (FREUD, 2006 [1907], p. 111).

O segundo elemento fundante (a culpa ou sentimento de culpa), que também patrocinarium essa suposta semelhança entre os atos obsessivos às práticas religiosas, foram apresentados pelo autor nos seguintes termos:

A análise dos atos obsessivos já nos possibilitou alguma compreensão interna de suas causas [...] Podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento inconsciente de culpa, apesar da aparente contradição dos termos. Esse sentimento de culpa origina-se de certo eventos mentais primitivos [...] O sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos corresponde às convicções dos indivíduos piedosos (religioso) de serem, no íntimo, apenas miseráveis pecadores; e as práticas devotas (tais como orações, invocações etc.) com tais indivíduos precedem cada ato cotidiano, especialmente os empreendimentos não habituais, parecem ter o valor de medidas protetoras ou de defesa [...] Afinal, o sentimento de culpa resultante de tentação contínua e a ansiedade expectante sob forma de temor da punição divina nos são familiares há mais tempo no campo da religião do que no da neurose (FREUD, 2006 [1907], p. 113-115).

Desse artigo de 1907, concluímos que a grande preocupação de Sigmund Freud, ao delimitar as semelhanças entre religião e neurose, está no fato de que, tanto os atos obsessivos como as práticas religiosas possuiriam elementos que apontam para um possível entrelaçamento ou conclave. Objetivando apontar, como ele mesmo afirma no final do seu texto: [...] *que podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva como o correlato patológico da formação de uma religião* (FREUD, 2006 [1907], p. 116).

Assim, ele descreve o conceito de neurose como sendo uma religiosidade individual, e a religião como sendo uma espécie de neurose obsessiva universal.

3. A Religião como um Desdobramento Ambivalente do Complexo de Édipo

Uma segunda leitura apresentada por Freud sobre a temática da religião encontra-se na sua obra *Totem e Tabu* de 1913. A partir de uma perspectiva naturalista, o iniciador da psicanálise procurou estabelecer uma pesquisa bibliográfica extremamente fecunda e detalhada do comportamento sócio-psicológico de algumas comunidades primitivas ao redor no mundo, dentre as quais se destaca: os *aborígenes australianos* e *povos melanésios*. O referencial teórico utilizado pelo autor advém sobretudo, dos trabalhos realizados por diversos antropólogos e pesquisadores tais como: *W. J. Long* (1857-1952); *J. G. Frazer* (1854-1941); *A. Lang* (1844-1912); *F. Boas* (1858-1942); *E. B. Taylor* (1832-1917); *H. Hubert* (1872-1927); *M. Mauss* (1872-1950); *H. Spencer* (1820-1903) *W. R. Smith* (1846-1894); *W. Wundt* (1832-1920) entre outros.

Do ponto vista operacional, na respectiva pesquisa, a espinha dorsal e os objetos de observações da reflexão freudiana estão postos sobre a questão do Totem e do Tabu. Desse modo, tais conceitos possuem características similares. Isto é, tanto o primeiro como o segundo servem como instrumentos sociais “pré-religiosos” ou “não religiosos” de caráter normativo, fiscalizador, regulatório ou punitivo.

Em se tratando do primeiro (Totem), podemos apresentar a própria definição de Freud que diz: [...] *via de regra é animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temível) e mais raramente um vegetal ou fenômeno natural (como chuva ou água)* (FREUD, 2006 [1913], p. 22). Os fenômenos do Totem mantêm uma relação estreita e peculiar com todo o clã. Trata-se de um antepassado comum do clã; ao mesmo tempo em que é utilizado por eles como uma espécie de espírito guardião e auxiliar, que de maneira cotidiana, lhe envia oráculos, sendo estes perigosos para outros, embora reconhecendo e poupando os seus próprios filhos (FREUD, 2006 [1913], p. 22). Todavia, Freud também afirma que a principal característica do sistema totêmico que de fato, atraiu o interesse da psicanálise foi sem dúvida a sua capacidade de estabelecer uma espécie de “seleção” de parentesco chamada *exogamia*, ou seja, poder de impor uma lei contra relações

sexuais incestuosas (FREUD, 2006 [1913], p. 23). Na verdade, não se trata de uma simples proibição de proporções hereditárias e consanguíneas¹ e sim uma proibição mais ampla e complexa de caráter totêmico, obviamente objetivando evitar um incesto grupal (FREUD, 2006 [1913], p. 25).

No que diz respeito à segunda questão, a problemática do Tabu, Freud também aponta que o mesmo deve ser entendido como sendo uma norma ou regra, a princípio, desprovida de valor religioso (FREUD, 2006 [1913], p. 37). Ele diz: *As restrições do tabu são distintas das proibições religiosas ou morais. Não se baseiam em nenhuma ordem divina* (FREUD, 2006 [1913], p. 37). São proibições que do ponto de vista conceitual não possuem fundamentação em si, podendo inclusive ser consideradas de origem desconhecida. Assim como totem, o tabu também é caracterizado por sua ação punitiva, sobretudo, pela instrumentalidade de proibições antiquíssimas impostas a diversas comunidades tribais que, quiçá inculcadas por gerações anteriores passadas e por culturas e herança psíquica (PONTES, 2004, p. 12). As proibições impostas por tabus, mais antigas e importantes aparecem nas leis fundamentais do totemismo. Nesse sentido, Freud tem uma hipótese de que estes devem ser os desejos e os prazeres mais antigos do homem (FREUD, 2006 [1913], p. 85). Do ponto de vista psicanalítico, o perigo surge quando sentimos os desejos inconscientes como impulsos conscientes (PONTES, 2004, p. 12).

A partir disso já é possível estabelecermos alguns questionamentos. (1) *Qual é a relação entre totem, tabu e neurose?* (2) *Como essas relações podem remeter-nos a uma análise psicanalítica dos fenômenos religiosos?* (3) *Em que sentido estes questionamentos possuem relação como o chamado complexo de Édipo?*²

Freud (2006) [1913] responde à primeira pergunta da seguinte forma:

¹ Nesse contexto, existe a substituição do parentesco consanguíneo real pelo parentesco totêmico [...] O Nesse enigma de como a família verdadeira veio a ser substituída pelo clã totêmico talvez deva permanecer insolúvel até que a natureza do próprio totem seja explicada [...] Em consequência disso, é digno de nota que os costumes australianos, em certas situações sociais e durante certos festejos, permitam a quebra dos direitos conjugais exclusivos de um homem sobre a sua mulher (FREUD, 2006 [1913], p. 25).

² Conjunto organizado de desejo amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade essas duas formas encontra-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo In. LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 77.

Quem quer que aborde o problema do tabu pelo ângulo da psicanálise, isto é, da investigação da porção inconsciente da mente do indivíduo, reconhecerá, após um momento de reflexão, que esses fenômenos estão longe de lhe serem estranhos [...] Se já não tivesse habituado a descrever essas pessoas com pacientes ‘obsessivos, verificaria que a ‘doença do tabu’ seria a expressão mais apropriada para a condição deles. [...] O ponto de concordância mais evidente e marcante entre as proibições obsessivas dos neuróticos e os tabus é que essas proibições são igualmente destituídas de motivos, sendo do mesmo modo misteriosas em suas origens (FREUD, 2006 [1913], p. 44).

No que diz respeito ao segundo questionamento, Freud afirma que a palavra tabu pode denotar três características básicas, sendo que a última possui relações análogas como a religião. Primeiro tabu pode representar um ser, uma pessoa, um lugar, uma coisa ou uma condição transitória. Em segundo lugar, como afirmamos acima, o tabu também desencadeia atitudes punitivas e proibições advindas inclusive do mesmo atributo. Por fim, o tabu possui conotação que abrange igualmente ‘sagrado’ e ‘acima do comum’ bem como ‘perigoso’, ‘impuro’ e ‘misterioso’ (FREUD, 2006 [1913], p. 40).

Proporcionalmente, nesse contexto, Freud mais uma vez procura estabelecer as possíveis associações entre as neuroses obsessivas e o fenômeno da religião – utilizando dessa vez – as proibições totêmicas e a chamada ‘doença do tabu’. Ele diz: *O totemismo, assim, constitui tanto uma religião como um sistema social* (FREUD, 2006 [1913], p. 112). Isto é, em seu aspecto religioso, consiste nas relações de respeito e proteção mútua entre um homem e o seu totem (FREUD, 2006 [1913], p. 112). Em seu aspecto social, consiste nas relações dos integrantes dos clãs uns com os outros e também como os de outro clã (FREUD, 2006 [1913], p. 112).

Sobre o terceiro ponto, ou seja, o da suposta relação como o chamado complexo de Édipo, Freud defende a hipótese de que tanto o Tabu do incesto, como as práticas religiosas, desenvolvem uma profunda relação como o Complexo de Édipo. O texto Totem e Tabu amplia a discussão sobre o complexo de Édipo, projetando-o no âmbito cultural, pois, no primeiro movimento de sua teorização, o Édipo aparece apenas vinculado à trama pessoal representada nos sonhos (MOREIRA, 2004, p. 223). Entretanto, o pai totêmico não expressa ainda aquela relação de alteridade; pois o pai violento não interroga o outro sobre sua responsabilidade, não dirige nenhuma pergunta que possibilite o reconhecimento do outro enquanto uma alteridade (MOREIRA, 2004, p. 224). Quanto à questão da religião, esta não apareceria vinculada somente nas

práticas primitivas, mais principalmente em uma das suas vertentes monoteísta: o cristianismo. Assim segue:

Como no caso do totemismo, a psicanálise recomenda-nos ter fé nos crentes que chamam Deus de pai, tal como o totem era chamado de ancestral tribal. Se a psicanálise merece alguma atenção, então – sem prejuízo de quaisquer outras fontes ou significado do conceito de Deus, sobre os quais não pode lançar luz – o elemento paterno nesse conceito deve ser um elemento muito importante. Mas, nesse caso, o pai é representando duas vezes na situação do sacrifício primitivo; uma vez como Deus e outra vez como a vítima animal totêmico. E mesmo, pressupondo o número restrito de explicações aberto à psicanálise, tem-se perguntar se isto é possível e que sentido pode ter (FREUD, 2006 [1913], p. 150).

O sentido que isso pode ter, afirmou Freud: [...] *começou da religião, da moral, da sociedade e da arte e convergem para o complexo de Édipo* (FREUD, 2006 [1913], p. 158). Trata-se de reafirmar que isto entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses. Até mesmo a teologia da expiação, apresentada nos textos canônicos são utilizadas por Freud para comprovar a sua relação com complexo de Édipo. Isto é, a expiação foi ainda mais completa visto que o sacrificio se fez acompanhar da morte do próprio pai (FREUD, 2006 [1913], p. 156). Portanto, na perspectiva freudiana, se o sacrifício vicário de Cristo foi capaz de redimir a humanidade do pecado original cometido anteriormente contra o Deus-Pai, somos então levados a concluir que a teologia da expiação ‘edipianamente’ falando foi um homicídio.

4. A Religião como uma Ilusão Primitiva e Infantil

Do ponto de vista cronológico, o reflexo direto das investigações de Freud em Totem e Tabu foram profundamente retomados em o *Futuro de uma Ilusão* de 1927. O responsável pela tradução inglesa aposta numa tríade entre: Totem e Tabu, O Futuro de uma Ilusão e o Mal-Estar na Civilização (FREUD, 2006 [1927], p. 13). Inclusive o próprio autor procurou explicar essa relação, afirmando que a obra de 1927 seria uma espécie de complemento explicativo das ‘raízes motivacionais’ do texto de 1913 (FREUD, 2006 [1927], p. 32). Isto é, na primeira obra (Totem e Tabu) Freud procurou demonstrar que seu principal propósito não era o de explicar a origem da religião, mas apenas o totemismo (FREUD, 2006 [1913], p. 31). Já na segundo obra (O Futuro de

uma Ilusão) sua preocupação é em descrever as matrizes (FREUD, 2006 [1927], p. 32). Ele diz: *A questão de saber por que, ao longo prazo, o deus animal não bastou, e foi substituído por um deus humano* (FREUD, 2006 [1927], p. 32).

A resposta a essa pergunta é esclarecida através da hipótese de que, enquanto nas tribos primitivas o totemismo pode ser considerado como ‘desamparo da criança’, nas civilizações modernas, tal fenômeno estaria pautado no chamado ‘desamparo do adulto’ (FREUD, 2006 [1927], p. 33). Ou seja, quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma “criança para sempre”, sendo que – do ponto de vista emocional – nunca poderá passar sem proteção contra os estranhos poderes superiores dos instintos pessoais e da fúria da natureza, o mesmo, automaticamente empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; criando assim os deuses, a quem, simultaneamente o teme e busca proteção (FREUD, 2006 [1927], p. 33).

Mormente, na teoria freudiana, sobretudo, em o *Futuro de uma Ilusão* a origem da religião é compreendida como um reflexo indireto e ‘indesejável’ contido no interior da própria ideia de civilização. Desta maneira, Freud entende que o conceito de civilização abarca duas ideias fundamentais, que são: (1) *A capacidade humana de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para satisfação de suas próprias necessidades*; (2) *A capacidade humana de estabelecer regulamentos necessários para ajustar as relações uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível* (FREUD, 2006 [1927], p. 16).

De fato, tal empreendimento, não teria dado certo tendo em vista as objeções e os percalços. Primeiro em relação à própria natureza, ou seja, embora a sociedade dita civilizada busque estabelecer esse suposto “controle” da natureza, tal evidência nunca ocorreu de forma totalitária e absoluta. Sem sombra de dúvida, parece-nos, que natureza possui elementos com características indomesticáveis. A propósito: [...] *Ninguém, no entanto, alimenta a ilusão de que a natureza já foi vendida* (FREUD, 2006 [1927], p. 24). O que dizer de fenômenos como: terremotos, furacões, enchentes, pestes, doenças, e a própria morte (FREUD, 2006 [1927], p. 25).

O segundo ponto ou objeção apresentado por Freud, está em relação ao homem. Pois, por mais que se tenham criado normas, leis e tabus para regulamentar as relações uns com os outros, os homens não conseguem domesticar em absoluto, os seus próprios

instintos. É possível perceber isso facilmente embora exista uma disposição automatizada por parte do homem no cumprimento dessas leis reguladoras tais como: a prática da solidariedade, a ausência de homicídio, a repulsa ao incesto etc. (FREUD, 2006 [1927], p. 20). Todavia, nos bastidores da vida psíquica, haveria um velado descumprimento destas mesmas leis, isto é, homem continuaria demonstrando a potencialidade de seus próprios instintos através de diversos atos de satisfação de avareza, impulsos agressivos, desejos sexuais narcísicos, a não hesitação em prejudicar outras pessoas por meio de mentiras, da fraude e da calúnia (FREUD, 2006 [1927], p. 21). Assim, em sua totalidade, a civilização não conseguiria dominar ou domesticar nem a natureza material, e muito menos a sua natureza psicológica e instintiva.

É justamente nesse contexto, que nasce a necessidade de se ‘inventar’ a religião. Portanto, segundo a análise freudiana, as matrizes que configuram as origens da religiosidade humana, se encontrariam nos ditames psicológicos desenvolvidos a partir do próprio conceito de civilização, ou seja, a autoestima do homem seria ameaçada, teria passado a exigir consolação; a vida e o universo deveriam ser despidos de seus terrores e ameaças. O primeiro movimento desse fenômeno é descrito da seguinte forma:

Muito já se conseguiu como o primeiro passo: a humanização da natureza. De forças e destinos impessoais ninguém pode aproximar-se; permanecem eternamente distantes. Contudo, se nos elementos se enfurecem paixão da mesma forma que em nossas próprias almas; se a própria morte não for algo espontâneo, mas o ato violento de uma Vontade Maligna, se tudo na natureza forem Seres à nossa volta, do mesmo tipo que conhecimentos nossa própria sociedade, então podemos respirar livremente, sentir-nos em casa no sobrenatural e lidar com nossa insensata ansiedade através de meios psíquicos (FREUD, 2006 [1927], p. 25).

Colocados em situação de dependência psíquica, a religião possui uma relação de profunda analogia como a própria ideia de civilização. Em resumo, Freud tenta demonstrar que de forma paradoxal as ideias religiosas teriam surgido da mesma necessidade que originaram as realizações da civilização (FREUD, 2006 [1927], p. 30). Isto é, da necessidade de defesa contra a força esmagadora da própria natureza. O Freud reconhece que suas conclusões poderiam desencadear certa estranheza.

A sensação de estranheza que você menciona talvez se deva em parte ao fato de esse corpo de ideais religiosos serem geralmente apresentado como revelação divina. Contudo, essa própria apresentação faz parte do sistema religioso e ignora inteiramente o desenvolvimento histórico conhecido dessas ideias e suas diferenças em épocas e civilizações diferentes (FREUD, 2006 [1927], p. 30).

O autor conclui essa obra reafirmando a necessidade da humanidade em superar essa ilusão. A religião, além do seu componente doentio, se constitui numa ilusão e em algo que não pode fornecer nenhum futuro à humanidade (FREUD, 2006 [1927], p. 38). A força que possibilita e move a confecção dessa ilusão é o desejo humano. [...] *O segredo de sua força reside na força desses desejos* (FREUD, 2006 [1927], p. 39). Nesse sentido, por fim, Freud aposta que só caberia à ciência, nas quais a psicanálise possui lugar prioritário, a responsabilidade de minimizar essas possíveis contradições entre civilização e religiosidade. O autor também reconhece que existe muitas questões a que a ciência atualmente não pode dar resposta (FREUD, 2006 [1927], p. 40). Porém, o trabalho científico constituiria a única estrada que nos pode levar a um conhecimento da realidade (FREUD, 2006 [1927], p. 40).

5. A Religião como uma Fabricação Doentia da Verdade

O último texto de nossa investigação é *Moises e Monoteísmo* de 1939.³ Objetivando avançar para além do senso comum, pretendemos compreender e analisar essa obra a partir do conceito psicanalítico de verdade, ou seja, entre os pesquisadores existe uma vertente que defende a hipótese de que o ponto central do texto repousaria sobre o problema da verdade (DARRIBA, 2010, p. 298). Trata-se de mais uma vez tentar diferenciar o ‘método científico’ da chamada ‘hermenêutica religiosa’ (DARRIBA, 2010, p. 299), ou seja, assim como existe uma diferenciação entre ilusão e erro, assim também haveria uma diferenciação entre verdade e realidade. Em o Futuro da Ilusão, Freud já tinha pontuado a diferenciação entre a *Ilusão* e o *Erro* (FREUD, 2006 [1927], p. 39). Ele diz: [...] *Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro* (FREUD, 2006, [1927], p. 39) Para o nosso autor, enquanto as práticas religiosas tendem a iludir, por não fazerem uma abordagem adequada sobre os fatos, por sua vez, nos desdobramentos das pesquisas a ciência poderia perfeitamente errar. Na perspectiva da ilusão, predomina a intensa presença dos desejos humanos, aproximando-se dos delírios psiquiátricos (FREUD, 2006, [1927], p.

³ O ensaio foi produzido em períodos distintos (1934, 1937 e 1938) tendo sua versão final em 1939.

40). Já na perspectiva do erro, do qual a maior parte das ciências ‘positivas’ participam, predomina as contradições inerentes e as probabilidades do exercício do método científico. O exemplo apresentado por Freud foi à crença de Aristóteles de que os insetos se desenvolvem do esterco, erro esse, que segundo ele, várias pessoas ignorantes ainda se aferravam (FREUD, 2006, [1927], p. 39).

Voltando a questão da verdade, no respectivo ensaio Moisés e o Monoteísmo, Freud procurou defender a ideia basilar de que a religião judaica teria construído ou fabricado doentivamente a sua própria verdade. Haja vista, que na teoria freudiana, nada seria tão próximo de um delírio neurótico do que o chamado dogma de uma *verdade histórica* (FREUD, 2006, [1939], p. 99). Primeiramente, em relação à nacionalidade judaica de Moisés. Utilizando-se algumas hipóteses e achados historiográficos, dentre os quais se destaca os trabalhos de *J. H. Breasted* (1865-1935); *Otto Rank* (1884-1939) e *Eduard Meyer* (1855-1930); Freud defende que ao invés de um Judeu nato, Moisés seria mesmo um egípcio (FREUD, 2006, [1939], p. 19). Os pressupostos teóricos que fundamentam essa hipótese vão desde a questão da etimologia do nome, até a construção mitológica do herói. Em se tratando do segundo ponto, Freud afirma que o judaísmo defende a nacionalidade judaica de Moises a partir de uma inversão do chamado *Mito do Herói* (FREUD, 2006, [1939], p. 27). Em seu formado original, o mito também mostra a presença de duas famílias, uma aristocrata e outra humilde (FREUD, 2006, [1939], p. 26). Onde, porém, no mito a segunda família é fabricada e inventada, ou seja, segundo o mito, a criança nasce em uma família real e nobre sendo posteriormente entregue para ser criada por outra família pobre e humilde (FREUD, 2006, [1939], p. 26). No caso de Moises a situação é diferente. Para Freud, tendo em vista que a segunda família (humilde) foi culturalmente fabricada, servem para demonstrar que a lenda judaica é uma ‘verdade fabricada’, constituindo-se como pressupostos suficientes para comprovar que Moises era egípcio (FREUD, 2006, [1939], p. 27).

Obviamente que o autor também reconhece que se trata de uma hipótese, e que, por hora, a comunidade científica poderia de maneira provisória, até mesmo refutar; todavia, ele mais uma vez admite que essas hipóteses, sejam bem melhores e mais válidas do que as antigas conclusões ilusórias oriundas da religião (FREUD, 2006, [1939], p. 150) Sobre a probabilidade de Moises ter sido um egípcio é dito:

[...] Se tivermos a coragem de reconhecer essa asserção como universalmente verídica e como aplicável também à lenda de Moises, então, imediatamente, veremos as coisas de modo claro: Moises era uma egípcio – provavelmente um aristocrata – sobre a quem a lenda foi inventada para transformá-lo em um judeu. Essa seria a nossa conclusão (FREUD, 2006, [1939], p. 26).

A segunda discrepância que denunciam esta suposta fabricação doentia da verdade elaborada pelos judeus está relacionada como a sua ‘patente’ conceitual de Monoteísmo. Parece que estão lindando como uma espécie de “plágio”. Isto é, assim, como não existe uma comprovação plausível sobre a nacionalidade judaica de Moises, assim também, não haveria nenhuma comprovação de originalidade no conceito de Monoteísmo.

Ele diz:

[...] No Egito, até onde podemos compreender, o monoteísmo cresceu como um subproduto do imperialismo. Deus era um reflexo do faraó, que era um soberano absoluto de um grande império mundial. Como os judeus, as condições políticas eram altamente desfavoráveis ao desenvolvimento da ideia de um deus nacional exclusivo para de um soberano universal do mundo. E onde foi que essa minúscula e impotente nação achou a arrogância de declarar-se a si própria filha favorita do grande Senhor? (FREUD, 2006, [1939], p. 78).

Assim, nesse sentido, para Freud essa neurótica e doentia busca pela verdade protagonizada pela religião não possui consonância nenhuma como a realidade dos fatos. É claro que aqui, devemos mais uma vez, levar em considerações os ditames que compõe a teoria freudiana, cuja principal característica foi o elevar o método científico como princípio de idealidade (DARRIDA, 2010, p. 303).

6. Considerações Finais

Mediante os pressupostos acima elencados, como considerações finais, gostaríamos de fazer dois apontamentos. (1) *Sobre a metodologia de Freud e sua relação com a chamada hermenêutica da suspeita*; (2) *Sobre a possibilidade ou necessidade de uma abordagem psicanalítica plural sobre o tema*. No que diz respeito ao primeiro ponto, afirma-se que junto com Marx e Nietzsche, Freud seria mais um dos chamados mestres da suspeita, que propositamente levariam a dúvida para dentro da própria fortaleza cartesiana da consciência (RICOEUR, 2009, p. 28). Isto é, cada uma ao seu próprio modo. Para Marx, a consciência não é capaz que determinar o ser, visto que esta sempre será socialmente determinada; para Nietzsche, a consciência é máscarada pela instrumentalidade da vontade de poder; enquanto para Freud,

finalmente, o Eu é um infeliz submisso aos três poderes psíquicos do inconsciente (RICOEUR, 2009, p. 29).

Nesse sentido, é preciso compreender que hermenêutica da suspeita tentou estabelecer o fim das filosofias onto-teológicas. O resultado é que em Marx, Nietzsche e Freud, a suspeita recai sobre a capacidade da razão suficiente de poder prestar conta da existencia humana (RICOEUR, 2009, p. 30). No caso de Freud, revelou-se que a liberdade humana com quem achávamos comandar todos nossos atos, muitas vezes é uma liberdade condicionada ou quase anulada, por aspectos compulsivos que nascem de processos psíquicos fundamentais e inconscientes. Porém, é preciso deixar claro, que paulatinamente essas conclusões vão ser posteriormente revistas e repensadas, inclusive assumindo outras dimensões das quais seus autores talvez não afirmavam, sobretudo na constatação de uma suposta ‘função ideológica’ das ciências positivas. Os principais teóricos são: *Edmund Husserl* (Fenomenologia) *Martin Heidegger* (ontoteologia) e *Michel Pêcheux* (Análise do Discurso) *Paul Ricoeur* (Hermenêutica).

Paradoxalmente, por outro lado, buscando retirar a acidez dessas conclusões, a quem aposte também numa controvertida e suposta “positividade” inerente dessas críticas, sobretudo no que diz respeito a certa potencialidade das mesmas, de produzir a “destruição” dos falsos deuses. Isto é, para estes, é possível redirecionar e minimizar o impacto das abordagens, pois assim como profetas judeus veterotestamentários combatiam o desvio e a idolatria das nações, assim também, os mestres da suspeita, de maneira heteroxa e inconsciente fariam o mesmo.⁴

Já no que diz respeito ao segundo ponto, *sobre a possibilidade ou necessidade de uma abordagem psicanálica plural sobre o tema*. Defendemos que dentro da teoria psicanálica, embora sendo o seu principal iniciador, Freud representa apenas uma das diversas vertentes. Isto é, existem outros autores que não compartilharam das mesmas ideias. O primeiro exemplo é apresentado pelas reflexões de Carl Jung. Embora sendo um grande colaborador de Freud, por sua vez, Jung não concordava em tudo como o mesmo. Assim, enquanto Freud defende que o homem precisa curar-se da neurose da religião, Jung afirma que a atividade religiosa é essencial à vida e compete ao homem

⁴ Sobre a positividade ou não dessas críticas, as discussões e abordagens foram desenvolvidas em sala de aula pelo professor Dr. Rui de Souza Josgrilberg no 1º semestre de 2012 no curso de Introdução a Ciências da Religião ministrado aos alunos do Mestrado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

procurar entender o seu comportamento religioso (ROSA, 1971, p. 66). Para Freud, a dependência infantil revelada no sentimento religioso será superada com o amadurecimento emocional do homem. Já para Jung, o homem supera esse estágio infantil por tornar-se conciso de que sua vida e pensamento são afetados por atividades arquetípicas que são dimensões religiosas aos conteúdos de suas na totalidade de suas experiências da vida (ROSA, 1971, p. 66).

O segundo e último exemplo dentro da teoria psicanalítica é encontrado nas propostas de Jaques Lacan. Como Freud, ele também adota uma posição crítica com relação ao discurso religioso. Lacan o entende como sendo sustentado por uma hierarquia social possuidora de uma tradição milenar de relação com a verdade que vai contra a causa psicanalítica. Porém, diferentemente de Freud, para o psicanalista francês, a ciência nunca será capaz de superar em absoluto o pensamento religioso (LACAN, 2005, p. 65). Em 1974, Lacan afirma: *Se a religião triunfar, como é o mais provável [...] isso será o sinal de que a psicanálise fracassou* (LACAN, [1974] p. 1). Para o autor, paradoxalmente é muito normal que ela fracasse, porque aquilo ao qual ela consagra é muito, muito mais difícil (LACAN, 2005, p. 65). E acrescenta que: *[...] a psicanálise não triunfará: sobreviverá ou não* (LACAN, 2005, p. 54). Na hipótese lacaniana, a “vantagem” da religião sobre a ciência, reside no fato de que essa tem como função ou vocação a busca de uma espécie de *sentido último a vida*, tarefa essa que propositalmente a ciência não quer ter, e nem pode oferecer (LACAN, 2005, p. 72).

Referências

DARRIBA, V. A. *A Paixão pela Verdade em Moises e o Monoteísmo de Freud*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 22 – n. 2, p. 298-308, Maio/Agosto, 2010.

FREUD, S. Atos Obsessivos e Práticas Religiosas (1907) In_____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 9, p. 109-117. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. Totem e Tabu (1913) In_____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 13, p. 21- 162. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão (1927) In. _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 2006, v, 21, p. 15- 71. Edição Standard Brasileira.

FREUD, S. *Moises e o Monoteísmo* (1934) In____. *Obras Psicológicas Completas se Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 23, p. 15- 150. Edição Standard Brasileira.

LACAN, J. *O Triunfo da Religião*. Precedido de Discurso aos Católicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. *Entrevista a imprensa do Dr. Lacan*. 29 de outubro de 1974 no Centre Culturel Français-Rome. Tradução: Association Freudienne Internacional. Disponível em: http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105

LAPLANCHE E PONTALIS, *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOREIRA, J. *O Édipo Em Freud: O Movimento de uma Teoria*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004.

PONTES, A. M. O Tabu do Incesto e os olhares de Freud e Levi-Strauss. Trilhas, Belém, ano 4, nº 1, p. 7-14, jul. 2004.

RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2009.

ROSA, M. *Psicologia da Religião*. Rio de Janeiro: JUERP, 1971.

Recebido: 06/07/2015

Received: 06/07/2015

Aprovado: 13/07/2015

Approved: 07/13/2015